

Drummond e Pessoa: intertextualidades

Linhares Filho

Quando, em 1991, escrevemos a tese, (depois descaracterizada como tal para publicação), intitulada *A Modernidade da Poesia de Fernando Pessoa*, obra em que se inclui o capítulo "Influências e/ou repercussões", no qual focalizamos a intertextualidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade com a do poeta português, não se encontrava publicado na edição última da obra completa de Drummond, *Poesia e Prosa*, sob a responsabilidade da Nova Aguilar, em 1988, o poema "As Identidades do Poeta".

Só depois, chegamos a conhecer esse poema, publicação póstuma do autor, no Suplemento Literário do *Minas Gerais*,¹ e, mais recentemente, no livro *Farewell*.² Deduz-se que o poema não se insere na edição da obra completa de Drummond, de 1988, naturalmente por não constar ainda em tal obra o livro *Farewell*, de 1996, no qual se encontra o poema. Daí por que estudamos com atraso tal poema, um importante ponto de relacionamento entre a poesia drummoniana e a de Fernando Pessoa.

Leiamos a referida composição:

*De manhã pergunto:
Com quem se parece Fernando Pessoa?
Com seus múltiplos eus, expostos, oblíquos
em véu de garoa?
Com tripulantes-máscaras de esquiva
canoas?*

¹ ANDRADE, C. D. de. As identidades do poeta. *Minas Gerais*: suplemento literário, Belo Horizonte, n. 1110, 19/nov./1988. p. 2

² Idem. *Farewell*. p. 38-40

*Com elfo imergente
em frígida lagoa?
Com a garra, a juba, o pêlo amaciado
de velha leoa?*

*Quem radiografa, quem esclarece
Fernando Pessoa,
feixe de contrastes, união de chispas,
aluviação de lajes
figurando catedral ausente de cardeais,
com duendes oficiando absconso ritual
vedado a profanos?*

*Que sina, frustrado destino, foi a coroa
desse Pessoa,
morto redivivo, presentifuturo
no céu de Lisboa?*

*Que levava (leva) no bolso
Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa:
irônico bilhete de identidade,
identity card
válido por cinco anos ou pela eternidade?
Que leva na alma:
augúrios de sibila,
Portugal a entristecer,
a desastrosa máquina do universo?
Fernando Pessoa caminha sozinho
pelas ruas da Baixa,
pela rotina do escritório
mercantil hostil*

*ou vai, dialogante, em companhia
de tantos si-mesmos
que mal pressentimos
na seca solitude
de seu sobretudo?*

*Afinal, quem é quem, na maranha
de fingimento que mal finge
e vai tecendo com fios de astúcia
personas mil na vaga estrutura
de um frágil Pessoa?*

*Quem apareceu, desapareceu na proa
de nave-canção
e confunde nosso pensar-sentir
com desconforto de ave poeasca
e doçura da flauta de Pã?*

*À noite divido-me:
anseio saber,
prefiro ignorar
esse enigma chamado Fernando Pessoa.*

Numa espécie de maiêutica, num questionar semelhante ao do processo de perquirição filosófica de Sócrates, o poeta busca decifrar ou definir o fenômeno Fernando Pessoa. Tenta, a partir do título – “As Identidades do Poeta” –, identificar as peculiaridades e a problemática pessoanas. Não preferindo arriscar uma definição ou decifração do enigma Fernando Pessoa, vai suscitando soluções e/ou características em forma de perguntas, como para não se comprometer com afirmativas. O poeta usa doze interrogações ao longo do metapoema.

Com isso, utiliza a dúvida, forja a perplexidade, elege a postura da incerteza, tendo, na estrutura metapoemática de sua composição, em que a atitude poética se mescla com a atitude crítica, o respaldo destas acertadas palavras de Ângela Maria Fabiana Mendes: "Mas a Verdade não é somente o quantificável, o mensurável e o exato. Não é um parâmetro: é o plural. O sim e o não. E o talvez."³

Sem querer destruir o Mistério da condição humana, o Mistério do Poético, o Mistério que ele próprio apascenta em sua obra de "claro enigma", e mascarando que indiretamente traduz o modo de ser da poesia pessoana, Carlos Drummond de Andrade conclui o seu texto com a única estrofe não interrogativa:

*À noite divido-me:
anseio saber,
prefiro ignorar
esse enigma chamado Fernando Pessoa*

Aliás, um dos pontos de intertextualidade da obra de Drummond com a de Pessoa que apontamos no nosso livro *A Modernidade da Poesia de Fernando Pessoa*, é justamente o da tensão entre o cultivo do Mistério e a busca de resolvê-lo, entre o perquiri-lo e o elaborá-lo.⁴

³ MENDES, Ângela Maria Fabiana. *O Guesa: o universo possível de Sousândrade*. p. 9

⁴ LINHARES FILHO. *A modernidade da poesia de Fernando Pessoa*, p. 101-106. Sabemos que Drummond, além de, em vários textos de sua obra poética, relacionar-se com o Mistério, escreveu o livro *Claro Enigma* e os poemas "O Enigma", de *Novos Poemas*, e "Enigma", de *Boitempo*. Anote-se, ainda, particularmente, o poema "Um Chamado João", de *Versiprosa*, sobre Guimarães Rosa, no qual o poeta usa o mesmo processo utilizado no poema sobre Pessoa, construindo vinte e duas interrogações com o fito de significar o enigmático do romancista na obra e na personalidade, porque "Ficamos sem saber o que era João/e se João existiu/de se pegar." O enigma drummoniano é estudado por Affonso Romano de Sant'Anna no livro *Drummond: o gauche no tempo* (Rio de Janeiro: Lia/INL, 1972. p. 237-257), aludindo o crítico aos trabalhos de José Guilherme Merquior e Silviano Santiago sobre o poeta e a concepção camoniana da "máquina do mundo"; considerando heideggerianamente que "o enigma porta em si a essência e a aparência"; afirmando que "em pelo menos trinta poemas" Drummond refere-se a enigmas etc. Assemelham-se, em alguns aspectos, as idéias do ensaísta com a opinião que expendemos sobre o enigma drummoniano, já havendo nós focalizado o Mistério pessoano no livro *A "Outra Coisa" na poesia de Fernando Pessoa* (Fortaleza: UFC/PROEDI, 1982. p. 68-71), por um modo que se aproxima da leitura, que fazemos, do enigmático em Drummond.

Também no nosso soneto “(Des)conhecimento de Fernando Pessoa”, publicado no livro *Frutos da Noite de Trégua*,⁵ já apresentamos, a partir do título desmontado ou seccionado por parênteses, a ambigüidade ou tensão da poesia de Pessoa, concebendo paradoxalmente um conhecimento e um desconhecimento dessa obra, dado o enigmático dela, e essa atitude que adotamos traz os mesmos objetivos estéticos do presente poema de Drummond.

Há no poema drummoniano relacionamentos intertextuais e intratextuais importantes, a partir do verso “a desastrosa máquina do universo?” Em *Os Lusíadas*, Tétlis desvenda aos portugueses, através da visão do globo por favor da “Sapiência Suprema”, a máquina do mundo.⁶ No poema “A Máquina do Mundo”, Carlos Drummond de Andrade, intertextualizando Camões, vislumbra o Mistério, acerca-se do “absurdo original e seus enigmas”, no entanto submisso desiste de perscrutá-los, de desvendá-los:

*baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.*⁷

A luta por desvendar o enigma Fernando Pessoa, tal como no poema “O Lutador” em relação às palavras, começa a travar-se “mal rompe a manhã”⁸: “De manhã pergunto:/Com quem se parece Fernando Pessoa?” A luta com as palavras compara-se, portanto, com a luta por decifrar a problemática pessoana, toda

⁵ LINHARES FILHO. *Frutos da noite de trégua*. p. 46

⁶ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*: X, 75-143. *Obra completa*. p. 247-260

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. p. 244. Registre-se que o suplemento “Mais!”, da *Folha de São Paulo*, n. 412, de 2/jan./2000 publica resultado de votação de dez intelectuais do País, que escolheram os melhores poemas do século, e foi “A Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, que se elegeu em 1º lugar, dentre os brasileiros. O 5º lugar também coube a poema de Drummond, “Procura da Poesia”. Entre os estrangeiros tocou o 2º lugar a “Tabacaria”, de Fernando Pessoa, sob o heterônimo Álvaro de Campos, reservando-se o 10º lugar a *Mensagem*, do mesmo autor. Anote-se, ainda, que Harldo de Campos publicou em 2000, pela Ateliê, de São Paulo, o livro-poema *A Máquina do Mundo Repensada*, que, “a ver por dentro o enigma do futuro” (p. 29), intertextualiza, entre outros, Camões e Drummond no que tange ao signo do sintagma do título.

⁸ *Ibidem*. p.84

construída pelo fascínio e o poder de uma espécie de lusco-fusco da linguagem. A luta com as palavras, como o combate por compreender Pessoa, vai da manhã à noite, num périplo aparentemente inglório, diferente da navegação dos portugueses, ao cabo da qual estes assistem ao desvendar profético da máquina do mundo, por ser este em grande parte conquistado por eles. Também a situação de Pessoa descrita por Drummond compara-se com a deste poeta no poema "A Máquina do Mundo". Lê-se: "Fernando Pessoa caminha sozinho/pelas ruas da Baixa", referindo-se o poeta brasileiro a conhecido retrato de Pessoa. Acha-se no outro poema de Drummond: "E como eu palmilhasse vagamente/uma estrada de Minas, pedregosa, [...]"⁹ À noite, o poeta de *Claro Enigma* prefere ignorar "esse enigma Fernando Pessoa". À noite, depois de descrever, o quanto pôde, o arcabouço do enigma do mundo, Drummond escreve:

*A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,*

*se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.*¹⁰

⁹ Ibidem.p.242

¹⁰ Ibidem.p.244

Cultivando e encobrando ou disfarçando o esfíngico da palavra, o Mistério do mundo e o enigma Pessoa, Drummond, embora "vagaroso, de mãos pensas", sugerindo enfado e desistência, segue com uma encoberta curiosidade ("anseio saber/prefiro ignorar"), mas na verdade segue glorioso como um descobridor português, achando mundos e pressupondo "portos sempre por achar",¹¹ numa atitude verdadeiramente literária de elaboração de um "claro enigma" ou de um "fingimento que mal finge" nesse jogo coleante e astucioso de velamento e revelação do Ser.

Sabemos que tanto Fernando Pessoa como Drummond de Andrade se relacionam com o enigma da vida e do mundo, ora perscrutando-o, ora contribuindo para aumentá-lo com o poeta. Pessoa escreveu "O meu mistério eu avivo/e me perco a meditar."¹² A desistência de perseguir o desvelar da "máquina do mundo" seria em Drummond, depois que este se refere às várias facetas do enigma universal, dos segredos da vida, mais uma forma de preservá-los, de alimentá-los, de respeitá-los, até como custódias que são do Poético, como bem recomendou a estética simbolista.

A partir da primeira estrofe do poema "As Identidades do Poeta", vê-se que o autor propõe uma decifração do homem - poeta Fernando Pessoa, relacionando o homem com "seus múltiplos eus", isto é, com suas várias personalidades líricas. O fugidio do enigma pessoano reflete-se nos *sememas* "oblíquos", "véu de garoa", "esquiva" e nos dois últimos versos da estrofe. A obliquidade dos eus lembra o poema programático do Interseccionismo "Chuva Oblíqua" e a qualidade de *gauche* do próprio Drummond, que se identifica por vários aspectos com o poeta português. O "véu de garoa" sugere a diafaneidade, o opaco, o difluente do Paulismo e do Interseccionismo, correntes do grupo de Orpheu seguidas pela poesia do ortônimo pessoano. As "tripulantes-máscaras" insinuam um relacionamento com a idéia de *persona* (máscara em Latim) do "drama em gente" (e não do drama de ação), que é o da problemática de Pessoa. Concede-se uma tripulação mascarada e marítima na retraída, velada "canoa" da obra pessoana. Os

¹¹ Cf. PESSOA, Fernando. *Obra poética*. p. 79

¹² *Ibidem*. p. 121

dois últimos versos da estrofe configuram o encaracterístico: trazem a figura de uma “velha leoa” (insinuada como sagaz, experiente) de “garra, pêlo amaciado”, mas com a “juba” de leão. Os versos lembram o final do poema “Dispersão”, de Sá-Carneiro: “Leões alados sem juba”.¹³ A rima insistente em “oa” porta um disfarçado humor bem ao gosto do chapliniano Drummond. A mistura de qualidades (masculinas e femininas) do felídeo da comparação, além do fugidio do encaracterístico, não significariam a desordem de sensações, entre elas as sexuais, das odes da segunda fase do heterônimo Álvaro de Campos, fase mecanicista e whitmaniana? O sétimo verso pode constituir um eco do poema “Passos tardam na relva”, do ortônimo, onde se lê: “É elfo, é gnomo, é fada/A forma que ninguém vê”.¹⁴

Vejamos a segunda estrofe. O verbo “radiografa” refere-se metaforicamente à psique do homem e do poeta e traduz o desejo de uma penetração íntima no eu profundo do homem e no eu lírico do poeta. A expressão “feixe de contrastes” alude ao antitético, ao dialético do ortônimo e da heteronímia, vista cada personalidade de per si e nas antinomias com as demais. A “união de chispas” prende-se ao misterioso que está no enigma total da obra pessoana (ortônima e heterônima), mas que se concentra mais na obra de Pessoa ele-mesmo. Os demais versos da estrofe corroboram, por um lado, o sentido do último sintagma focalizado (“com duendes oficiando absconso ritual/vedado a profanos?”), porque o esoterismo do ortônimo aí se configura; por outro lado, a “aluvião de lajes/figurando catedral ausente de cardeais” sugeriria a catedral em ruínas da Sagrada Família, de Barcelona, obra de Gaudi, e que, visitada por Sá-Carneiro, passou a representar a imagem da estética neo-simbolista do Paulismo, corrente do grupo de Orpheu, mais adotada pelo ortônimo, pelo Campos da primeira fase, a do “Opiário”, pelo próprio Sá-Carneiro e por Alfredo Pedro Guisado. Note-se que a estrofe em causa se enriquece poeticamente pelas metáforas com que o autor conceitua Fernando Pessoa (terceiro e quarto versos).

¹³ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesias*. p. 65

¹⁴ PESSOA. *Obra poética*. p. 169

A “sina, frustrado destino” da terceira estrofe é sintagma que se referiria às dificuldades financeiras do poeta, à sua morte ocorrida relativamente cedo, sem tempo de publicação, em vida e em livro, da maior parte de sua obra. Paradoxalmente, tal situação “foi a coroa/desse Pessoa”, dele que recebeu de modo suficiente a consagração depois de morto, por isso “morto redivivo, presentifuturo/no céu de Lisboa”. “Redivivo” porque a posteridade o redescobriu, valorizando os escritos do seu espólio literário. E com o neologismo “presentifuturo” quer o autor prever a atualidade do poeta projetada no devir. A expressão “no céu de Lisboa”, que é aquele “céu azul, o mesmo de minha infância”, e que reflete o “macio Tejo ancestral e mudo”, como está no poema “Lisbon Revisited – 1923”,¹⁵ de Campos, completa o sentido de glorificação do poeta, que concebeu no céu o símbolo da glória dos portugueses, que a conseguiram através do doloroso domínio do mar, como se lê na *Mensagem*: “Deus ao mar o perigo e o abysmo deu./Mas nelle é que espelhou o céu.”¹⁶

Uma forma criativa de apresentar as personalidades principais do autor das “Impressões do Crepúsculo” está no segundo verso da quarta estrofe: “Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa”, como se fosse a complexa e enigmática identidade do poeta. O “irônico” do “bilhete de identidade” ou “*identity card*” esclarece-se no quinto verso da estrofe: “válido por cinco anos ou pela eternidade?” O mesmo processo, insinuando ironicamente, pela alternativa e a interrogação, o valor mais essencial em oposição ao cotidiano prosaico, ao acidental, ao efêmero usa Drummond aí e em outros poemas como “Cota Zero”: “Stop./ A vida parou/Ou foi o automóvel?”¹⁷

Segundo o autor do poema em estudo, Pessoa “levava (leva) no bolso” sua secreta identidade, e sabemos que Campos, como diz em “Aniversário”, sente “Raiva de não ter trazido o passado

¹⁵ Ibidem. p. 357

¹⁶ Ibidem. p. 82

¹⁷ ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*. p. 26

roubado na algibeira!...”¹⁸ Levar uma identidade de poeta consagrado compensa com vantagem a frustração expressa sensorialmente pelo heterônimo. O verbo no pretérito imperfeito “levava” refere-se à expressão “por cinco anos” e no presente do indicativo (“leva”), à alternativa “pela eternidade”.

Os “augúrios de sibila” ligam-se à atitude profética de Fernando Pessoa na *Mensagem* sobretudo como autor do “Terceiro [Avisol]”¹⁹ do Quinto Império, depois dos dois outros avisos, o de Bandarra e o de Vieira. Entre as alternativas imaginadas por Drummond como possíveis de Pessoa levar “na alma” estão tais augúrios, que se refletem na exortação “É a Hora!”, verso que finaliza o poema “Nevoeiro”,²⁰ da *Mensagem*. Concebe o autor que Pessoa possa levar consigo “Portugal a entristecer”. Drummond intertextualiza estes versos: “Este fulgor baco da terra/Que é Portugal a entristecer”.²¹ Essa é a configuração do nevoeiro, agravamento da situação de Portugal. Só que esse agravamento coincide com a “hora” da libertação, que traz D. Sebastião simbolicamente. O verso “a desastrosa máquina do universo”, que encerra o terceiro aspecto metonímico que Pessoa levaria na alma, relaciona-se à “máquina do mundo”, da profecia de Tétihlis, exposta em *Os Lusíadas*. A expressão “máquina do mundo”, para Camões, exprime algo mais superficial do que para Drummond. Refere-se sobretudo ao desvendar profético do mundo geográfico que os portugueses iriam descobrir. Para Drummond, relaciona-se, como já afirmamos, ao “absurdo original e seus enigmas”, ao funcionamento físico e metafísico do mundo. Com esse sentido é que o autor concebe “a desastrosa máquina do universo”. Um sopro sibilino, porque evocador da profecia de Tétihlis, encontra-se na concepção desse verso, que, ligado em parte à idéia camoniana, exprime o moderno dismantelo do mundo.

¹⁸ PESSOA, F. *Obra poética*. p. 380

¹⁹ *Ibidem*. p. 86

²⁰ *Ibidem*. p. 89

²¹ *Ibidem*. p. 89

A quinta estrofe coloca-nos diante de famosa fotografia do poeta, que segue vestido em seu sobretudo pelas ruas da Baixa de Lisboa. O autor apresenta uma dúvida: Pessoa vai só, cumprindo a profissional rotina como correspondente comercial ou na companhia de seus heterônimos? O aspecto biográfico do poeta mais uma vez aparece incisivo, misturado ao comportamento do eu lírico. O sintagma "mercantil hostil", trazendo a reincidência ácida da agudeza oxitona, exprime habilmente a hostilidade do cotidiano prosaico causada a um poeta. Imagina o autor a possibilidade de a "seca solitude" do sobretudo encobrir os diálogos antitéticos de "tantos si-mesmos". Muito criativa tal expressão para mostrar a paternidade única da diversidade pessoana, tão bem traduzida por Álvaro de Campos: "Eu que me agüente comigo e com os comigos de mim".²² A enálage empregada por Drummond, transformando morfemas em semantemas, assemelha-se às do heterônimo. A circunstância "mal" ligada a "pressentimos" como também ligada a "finge", este da estrofe seguinte, faz parte dos propósitos do jogo de cobertura e descoberta próprios do "claro enigma" de Pessoa e da missão metapoemática do autor de *Farewell*, que não só no poema em análise, mas difusamente, em sua poesia, adota o mesmo jogo.

Prossegue a perquirição das identidades do poeta na sexta estrofe, o que equivale a dizer do enigma pessoano. Consideremos os dois primeiros versos da estância. A pergunta "quem é quem" sugere: qual a personalidade lírica que mais se aproxima do homem Fernando Pessoa? Ou ainda: qual o verdadeiro limite da cosmovisão de cada personalidade em relação às demais? Trata-se, realmente, de uma "maranha". No entanto a confusão é afinal um "claro enigma": "fingimento que mal finge". Naturalmente que na consciência do autor estão os metapoemas pessoanos "Autopsicografia" e "Isto", nos quais o ortônimo se refere à problemática do fingimento, que é o da mimese ou su-

²² Ibidem. p. 404

pra-realidade, e em que contrabalança o sentimento com a máscara, embora terminando por rir do leitor: "Sentir? Sinta quem lê!"²³

No verso "e vai tecendo com fios de astúcia", há concretização do abstrato. Essa "astúcia" é a da mimese, do fingimento criativo, é a sagacidade do poeta. O que os dois últimos versos da estrofe sugerem é que as numerosas "personas" ou máscaras (não só as das quatro mais conhecidas personalidades, mas as de outras que essas abrigam nas várias atitudes dialéticas que adotam), constituem o resultado de uma tessitura feita por alguém, cuja estrutura se obscurece, é "vaga", de um "frágil Pessoa", como que acobertado pelo "seu sobretudo", por isso "frágil", fugidio ou algo imperceptível.

O primeiro verso da sétima estrofe sugere o jogo de esconde-esconde que confirma a alternância lúdica entre a revelação e o velamento próprios do processo de "claro enigma" adotado pelos dois autores: Pessoa e Drummond. Como que se vislumbra Pessoa acenar para o leitor na "proa" de um navio caracterizador da cultura portuguesa e logo desaparecer, na "proa/de nave-canção" (sinestesia visual-auditiva), uma espécie de nave lendária ou mítica como a Nau Catarineta ou a "Última Nau do Quinto Império", esta criada pelo próprio Pessoa na *Mensagem*, e que transportaria D. Sebastião.

Os três versos últimos da estrofe prender-se-iam ao poema "Ela canta, pobre ceifeira", um dos mais belos da obra pessoana e definidor da problemática e da essência da ortonímia e da heteronímia de Pessoa e até do grupo de Orpheu. Isso porque o pensar-sentir traduz a intelectualização da sensação, que é a base estética do Sensacionismo, do Paulismo e do Interseccionismo e reflete-se no verso do poema aludido: "O que em mim sente, 'stá pensando".²⁴ Esse pensar, que é imaginação e reflexão, e esse sentir, que é emoção e percepção, ligam-se, ainda, às atitudes platônica e aristotélica, que estão no âmago da dialética da obra

²³ Ibidem. p. 165

²⁴ Ibidem. p. 144

ortônima e heterônima de Pessoa. Portanto, "nosso pensar-sentir" é sugerido no poema pelo "pensar-sentir" da obra pessoana, que coincidentemente se liga à estética do grupo de Orpheu. O confundir esse nosso "pensar-sentir" "com desconforto de ave poeasca/ e docura da flauta de Pã" relaciona-se ao recém-referido poema do ortônimo por outros motivos ainda: o sabor paradoxal dos versos drummonianos refletem os vários paradoxos formadores da complexidade do mesmo poema; o bucolismo do ambiente do poema de Pessoa, sugerido como possível remédio contra o peso da ciência (ou consciência ou lucidez), retrata-se na "doçura da flauta de Pã". Este sintagma também se pode ligar ao bucolismo horaciano do neoclássico Ricardo Reis.

O tom fantasmagórico do primeiro verso da sétima estrofe afina com o sobrenatural de "ave poeasca", impregnada do "desconforto" funéreo e enigmático do "Nunca mais", com que Edgar Allan Poe a concebeu, e sabemos que Fernando Pessoa traduziu o poema "O corvo",²⁵ do poeta norte-americano, daí a maior pertinência do quarto verso da estância. Também como Drummond no poema em estudo, Poe, diante da ave enigmática que vem pousar à noite, nos umbrais de sua residência, enche-se de dúvida, perplexidade, indagação. Vê-se que, entre as inquirições do poema drummoniano, a da sétima estrofe, que traz o confundir o "pensar-sentir" com sentimentos tão díspares, constitui uma das mais fortes.

Sobre a derradeira estrofe já nos pronunciamos. Complete-mos o já opinado. Diríamos que entre o desejo intenso de desvendar o enigma pessoano e a desistência, o autor escolhe a última atitude, que é, como afirmamos, a mesma adotada no final apático do poema "A Máquina do Mundo", e tanto numa como noutra composição Carlos Drummond de Andrade, por um lado mostrando respeitar o Mistério da vida e do universo, custódia do poético, por outro lado vai abordando esse Mistério, isto é, ficando-lhe nas bordas; por outras palavras, acercando-se dele o quanto possível, portanto mais uma vez assumindo uma posição estética de poeta verdadeiro.

²⁵ Ibidem. p. 631-633